



Este estudo visa a contribuir com os debates sobre a escola pública levantados pela tese de Alves "A Produção da Escola Pública Contemporânea", abordando especificamente o aspecto do "trabalho docente, baseado na manufatura". O texto analisa o tema sob o ponto de vista da divisão entre manufatura inicial e manufatura plena para melhor compreensão dos escritos de Comênio.

Palavras-Chave: Função da educação escolar; Trabalho docente; História da atividade didática; Educação moderna.

This study aims at contributing to the debates on public schooling raised by Gilberto Luiz Alves' thesis, "The Production of Contemporary Public Schooling", specifically dealing with the aspect of "teaching labour, based on manufacture". The text analyses the theme from the point of view of the division between initial manufacture and complete manufacture for a better understanding of the writings of Comenius.

Keywords: The function of school education; Teacher labour; History of didactical activity; Modern education.

A Escola Pública Religiosa: Comênio

Iara Augusta
da Silva

Mestre em
Educação - UFMS.

Sandino Hoff

Professor da UFMS.

Introdução

Este comentário visa a contribuir com os debates sobre a escola pública, a partir da produção principal de Comênio denominada por Luzuriaga de “escola pública religiosa”. Alves¹ examina as idéias do pensador Comênio, colocando-as na base do surgimento da escola contemporânea e parte da premissa de que para Comênio “a escola deveria fundar a sua organização tendo como parâmetro as artes”. Segundo ele, “artes” incluía também as *manufaturas*. A “*Arte de Ensinar*”, enquanto uma produção não-material, teria seu fundamento na produção material do capitalismo. De acordo com suas colocações, quando Comênio defendia a necessidade de a escola fundar-se nas artes, referia-se à organização da manufatura e não do artesanato, visto que pleiteava a divisão do trabalho escolar, que requeria “uma habilidosa repartição do tempo, das matérias e do método”,² de forma a sistematizar as ações pedagógicas, tornando-as produtivas e capazes de educar o maior número de pessoas.

Seguindo essa abordagem feita por Alves, quando examina uma das três vertentes do pensamento burguês, pretende-se ampliar a problemática, dividindo a

¹ ALVES, 1998, p. 23

² COMÊNIO, 1976. p. 136.

manufatura entre inicial e plena, objetivando, assim, entender-se melhor o pensamento de Comênio, sua concepção de professor manufatureiro e a construção de escola pública.

Manufatura Inicial

A partir dos escritos de Marx e de outros pensadores pode-se deduzir que houve no início do capitalismo, uma “manufatura inicial” (expressão de Kofler), antes de um desenvolvimento universal

Comênio e também Ratke conceberam a “Arte de Ensinar” (Ratke e Comênio) ou o “Método” (Ratke) tendo em vista a consciência social formada no trabalho da manufatura inicial e no irracionalismo religioso.

européu da manufatura. Localiza-se do século XV ao XVI, em cidades mais desenvolvidas como Bristol, Florença, Flandres e outras. Encontram-se documentos que falam da indústria têxtil já no século XIII.

A manufatura inicial, desenvolvida na época da economia preponderantemente artesanal com movimento próprio, tem a sua origem material patrocinada pelo capital de poupança da pequena burguesia, isto é, pessoas, que cultivavam um modo de vida regrada, sem ostentação e gastos exagerados; pessoas de vida frugal e ascética que aplicavam suas poupanças no regime produtivo; pessoas que realizavam suas atividades familiares e seus negócios fazendo cálculos racionais precisos. Em suma, pessoas pertencentes a uma classe social que não eram nem da nobreza ou do clero - pois estas esbanjavam dinheiro em festas e caças - e nem dos ricos comerciantes que desejavam ser iguais aos nobres (“por mérito”) e gastavam seu dinheiro na compra de terras e na melhoria do comércio. Mas, na instalação da manufatura, o decisivo foi o fabricante tornar-se independente do comerciante que, até então, havia-lhe emprestado o dinheiro e adiantado a matéria-prima.

Ao redor da ideologia da pequena burguesia alinhavam-se os fabricantes, comerciantes, artesãos, os pobres e asseitas. Com o passar dos tempos, os artesãos tornavam-se ou fabricantes ou trabalhadores na divisão do trabalho. Neste sistema de produção emergente incluía-se também dinheiro proveniente dos grandes banqueiros da Renascença, como, por exemplo, os Fugger e os Strozzi, mas a iniciativa e o controle da manufatura inicial era da pequena burguesia.

A manufatura inicial teve, a partir do século XVI, no movimento calvinista a sua expressão ideológica. (KOFLER, 1966, p. 173s). Se, de um lado, a época produziu um indivíduo racional, acostumado ao cálculo do mercado, de outro, a instabilidade econômica dificultava a concretização da racionalidade nas transações do mercado, criando-se espaço para a especulação irracional. Kofler refere-se a uma idéia de Engels muito conhecida quando escreve que, nesse ambiente de instabilidade, o fabricante podia recorrer ao preceito calvinista da “predestinação da graça”: esta é que salva o homem e não a sua atividade inteligente. Em outras palavras, a bancarrota ou o êxito - objetividades sociais - não dependem da atuação do indivíduo, da subjetividade.

O racionalismo individual convivia com a consciência social irracionalista em harmonia que se condensa na providência divina. Evidentemente que a liberdade individual é transferida para o plano divino, e é nele que os fabricantes encontram um êxito seguro, porque se trata de um plano supremo e desconhecido. O trabalho intenso e a vida regrada dão harmonia entre o querer individual e o querer divino. Quase todos os fabricantes da manufatura inicial, no século XVI, eram ou tornaram-se calvinistas, se não na crença, seguramente na forma de pensar.

Dessa maneira, o momento da irracionalidade na ideologia da primeira fase da manufatura se baseia no caráter incognoscível dos nexos objetivos da produção os quais, entretanto, são experimentados como algo que se encontra em harmonia com a liberdade individual. (KOFLER, 1966, p. 237)

A consciência social configura-se a partir do pensamento pequeno-burguês. Neste, impõe-se também o pensamento das seitas Ativas desde o século XIII, não queriam mais viver como estavam vivendo, embora não soubessem ainda, nem poderiam saber, como queriam viver. Faltava-lhes um projeto revolucionário. Com a bíblia na mão exigiam o direito igualitário absoluto que constava nos escritos de um profeta.

Assim, no embate a ser empreendido contra a igreja católica e contra a nobreza, as seitas e as classes baixas encontraram respaldo na doutrina calvinista do século XVI que, pretendendo arrebanhar adeptos no seio da população mais pobre, colocava entre seus preceitos o valor da participação do povo, da sua vontade na transformação da sociedade. Ressalve-se que na realidade Calvino não foi defensor convicto do “direito natural igualitário”, pois este era incompatível com a tese apregoada por ele, em que o Estado instituído na natureza era divino e, portanto, a ele cabia dirigir o caminho a ser trilhado pelas pessoas. Por essa razão, as seitas e populações marginalizadas, tendo em determinados momentos aderido ao calvinismo, quando este assumia a sua face de fração dominante, afastavam-se dele, assumindo novamente posição independente.

Nos séculos XIII a XVII, a configuração revolucionária do pensamento burguês recebe seu maior impulso do pensamento da pequena burguesia. Como o calvinismo entra nessa história, enquanto ideologia da manufatura inicial? Utilizava uma linguagem radical, exigia o direito de opor-se à situação social e proclamava a soberania do povo, dando continuidade ao pensamento das seitas. A multidão afluiu em multidões a ele,

principalmente em regiões outrora florescentes dos valdenses e albigenses.

Mas, o calvinismo também tinha um rosto conservador. (KOFLER, 1966, p. 267s). Convocava, de um lado, as massas para a ação democrática; de outro, declarava que o Estado se achava inscrito na natureza e era divino.

O importante a anotar é a face racional da manufatura inicial a conviver com o irracionalismo religioso. Dessa forma, sustém-se a seguinte hipótese: Comênio e também Ratke, pedagogos da vertente religiosa da educação, conceberam a “Arte de Ensinar” (Ratke e Comênio) ou o “Método” (Ratke) tendo em vista a consciência social formada no trabalho da manufatura inicial e no irracionalismo religioso.

As leis naturais operavam na sociedade; a atividade individual e livre, posteriormente, teve que cair em contradição aberta com os acontecimentos objetivos da sociedade para que as leis da produção - leis objetivas, universais, supraindividuais e desumanas - pudessem formar a consciência social. No momento, o indivíduo experimentava a opacidade das relações sociais e seu pensamento era irracionalista precisamente porque subtraía o que só a razão podia compreender.

Manufatura Plena

A acumulação da massa de capital proveniente agora também de investimentos da alta burguesia, de ricos comerciantes e banqueiros, o aumento considerável de trabalhadores reunidos em um mesmo local e sob o comando de um capitalista, a produção de mercadorias em larga escala e colocadas em circulação, criam as condições concretas para o desenvolvimento da manufatura plena.

A estratégia do capitalista de concentrar os trabalhadores sob o mesmo teto, concorreu sobremaneira para a redução dos seus gastos com os meios de produção e para o barateamento das mercadorias, entre elas a força de trabalho do homem.

A manufatura nesta fase mais adiantada acentua firmemente a divisão do trabalho, gerando a total decomposição do processo de fabricação do produto, antes sob a responsabilidade de um ou de poucos artífices dentro das oficinas. O processo de produção em que cada trabalhador passa a realizar uma pequena parte do produto, perdendo o controle do processo global de produção, torna-se universalizado.

A divisão do trabalho, aprofundada ao extremo no interior da manufatura plena, funda-se na execução de tarefas simples, que exigem pouco ou nenhum preparo profissional, “a manufatura cria em todo ofício, de que se apossa, uma classe dos chamados trabalhadores não qualificados, os quais eram rigorosamente excluídos pelo artesanato.” (MARX, 1996: 465). Neste mecanismo de hierarquização do trabalho, passam a conviver duas categorias de trabalhadores: os qualificados e os não qualificados. O fundamental desta realidade é a desvalorização gradativa da força de trabalho, exigindo menor tempo e menos gasto para a sua qualificação profissional. Isto implica, também, no decréscimo acentuado do salário pago ao operário e num significativo aumento da mais-valia.

Quando a manufatura se apodera da produção social em sua totalidade mostra toda a contradição do sistema econômico capitalista. A objetivação do trabalho humano se completa com a maquinaria. Enquanto na manufatura o trabalhador utiliza a ferramenta, na maquinaria esta dá o ritmo ao trabalho e subordina o trabalho, escreve Marx numa frase conhecida.

A manufatura plena, a partir da metade do século XVII, mostrava todo o seu vigor determinando um novo conceito de vida nas relações sociais do trabalho, um novo entendimento e nova utilização do tempo, além de nova idéia de liberdade. O indivíduo racional, preocupado com o cálculo, voltado para os postulados das ciências naturais, preocupa-se com a produção. Nesse momento, não é mais a ideologia calvinista

de cunho religioso e pequeno-burguês que dirige os passos da burguesia; a alta burguesia impõe uma ideologia orientada no sentido “científico-natural”. Os fabricantes esquecem os genuflexórios, as preces e a moral pietista.

O Pensamento de Comênio e as Manufaturas

O estudo da obra a *Didática Magna* de João Amós Comênio, produzida no século XVII, tem despertado o interesse de muitos educadores e historiadores, com o intuito de ir às raízes de seu ideário pedagógico, que expressa de maneira magistral, as contradições da velha sociedade feudal e da nova sociedade com seus contornos ainda sendo delineados.

A “Arte de Ensinar”, uma proposta educacional, situada na supraestrutura, tem seu fundamento material na manufatura e a “Didática” só se efetivou plenamente em séculos posteriores: essas são as duas hipóteses com que Alves trabalha. São, também, o objeto deste estudo.

Nosso posicionamento é que o pensamento de Comênio foi concebido na consciência social que se formou na época da manufatura inicial, com seu racionalismo individual e com sua instabilidade de produção, expressando o irracionalismo social e religioso. Suas idéias só foram aceitas quando o aspecto científico natural se fez presente na consciência social, à época da manufatura plena e da maquinaria.

Comênio ao expor sua proposta de organização de uma escola universal com a intenção de ensinar tudo a todos, revela as marcas do seu tempo. Por isso ela se encontra impregnada de características próprias ao irracionalismo. Nota-se, permeando todo o texto da *Didática Magna*, a forte influência do conteúdo religioso que orientava o conteúdo programático a ser ensinado às crianças e jovens (emergência das Sagradas Escrituras); os fundamentos norteadores do método de ensinar (Cristandade); os

autores a serem lidos e ensinados (censura aos “livros pagãos” e proposta de uso dos “livros pan-metódicos”) e da ausência de Copêrnico e Galileu. No entanto, seu método é racional, objetivo e progressista.

A aceitação das propostas didáticas à época final da manufatura plena e à época da maquinaria tem sua explicação justamente na objetivação e na simplificação de sua proposta educacional, na introdução do instrumento de trabalho (manual didático) e na especialização profissional do professor.

Há o exemplo do relógio, ressaltado por Alves. É muito interessante e típico. Parece-nos que não se trata de uma explicação científica, mas de uma explicação metodológica de um funcionamento harmônico, uniforme, estruturado. Comênio pensa o cosmo de forma harmônica e organicamente estruturado? Ou, de forma mecanicamente estruturado? Um relógio divino ou um relógio mecânico?

A questão fundamental é que Comênio, e também Ratke, exigiam um professor “didakticos”, expressão de Paulo Apóstolo; significava que o mestre utilizasse, no seu ensino, uma ordem justa para que dela se pudesse tirar o maior proveito. Por ordem justa, os pedagogos entendiam como Deus a organizou na natureza.

A uniformidade prescrita para o ensino das línguas, artes e ciências exigia a perspicácia em ver como uma língua difere da outra e em que aspectos estão concordes. Poupa-se tempo e produz-se melhor e mais barato, con-

forme apreendeu Alves da leitura de Comênio. A impressão de livros didáticos favoreciam o ensino rápido e barato; por isso, foi ampliada nesta época. Os pequenos livros de leitura deveriam responder ao princípio fundamental da tríplice harmonia entre a fé, a natureza e as línguas.

À época de Ratke, as edições se multiplicaram e se faziam mais de mil exemplares para assegurar uma ampla difusão. A impressão era financiada pelos principados e os livros distribuídos gratuitamente. O financiamento público garantia o ensino harmonioso entre a fé, a natureza e as línguas. Na capa de todos os livrinhos, Ratke colocava a frase “Ratio vicit, vetustas cedit” (A razão venceu e o antigo deixou de existir).

O que vale para ambos os pedagogos é que o aspecto racional está presente na sua “Arte de Ensinar” ou no “Método”; a natureza não transformada e a fé

O que vale para ambos os pedagogos é que o aspecto racional está presente na sua “Arte de Ensinar” ou no “Método”; a natureza não transformada e a fé fundam a concepção irracionalista...

fundam a concepção irracionalista refletida nos conteúdos dos saberes ensinados em suas escolas, a conviver com o racionalismo.

A contribuição deste estudo objetivou colocar a obra didática de Comênio como tendo seu fundamento nas idéias burguesas e na consciência social formada na manufatura inicial. A sua “Arte de Ensinar” torna-se universal à época em que a manufatura se universaliza.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, Luiz Alves. *A produção da Escola Pública*. São Paulo: UNICAMP, 1998.
- COMÊNIO, João Amós. *Didáctica Magna: tratado da arte universal de ensinar tudo a todos*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1996.
- KOFLER, L. *Zur Geschichte der bürgerlichen Gesellschaft*. Hamburg. Verlag GMBH, 1966
- MARX, Karl. *O Capital*. São Paulo: Nova Cultural, 1996. (Os Economistas).
- . e ENGELS, Friedrich. *Obras Escolhidas*. São Paulo: Alfa-Omega, v. 2, p. 292-93.